

## PRÁTICAS CRIATIVAS E IMPROVISACÃO: PROPOSTAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MÚSICA

*Creative practices and improvisation: proposals for teacher of music education*

LOPES, Fabrício de Oliveira<sup>1</sup>, & DE SOUZA MENDES DA SILVA, Jefferson Tiago<sup>2</sup>

### Resumo

Este artigo é um relato das experiências em uma licenciatura em música e no processo de desenvolvido pelo Curso de Licenciatura em Música da UFRR (Brasil) na construção de um professor crítico. O Curso oferta diversas disciplinas, mas há ausências de práticas criativas ao longo da formação, com elas haveria maior independência do licenciandos no seu processo de ensino-aprendizagem, possibilidades de aumento dos repertórios pedagógicos e escaparia do tradicional ensino utilizado. Segundo Bailey (1993), Berliner (1994), Swanwick (2008), Albino (2009), Lino e Dorneles (2019) as práticas criativas podem ser ferramentas no desenvolvimento do aprendiz, ampliando a criticidade e sua inteligência imaginativa durante o desenvolvimento cognitivo musical, práticas que presentes contribuiriam de maneira significativa para uma formação mais qualificada dos licenciandos. Propõe-se a criação de disciplinas que tenham como base a improvisação musical com o objetivo de inserir conteúdos sobre a temática das práticas criativas e da improvisação e assim suprir alguns déficits da formação docente.

### Abstract

This article is narrated of the experiences in a degree in music and in the process developed by the Degree in Musica of UFRR (Brazil) in the construction of a critical teacher. The Course offers several disciplines, but there are absences of creative practices throughout the formation, with them there would be greater independence from teachers in their teaching-learning process, possibilities of increasing pedagogical repertoires and would escape the traditional teaching used. According to Bailey (1993), Berliner (1994), Swanwick (2008), Albino (2009), Lino and Dorneles (2019) creative practices can be tools in the development of the learner, expanding criticality and their imaginative intelligence during musical cognitive development, practices that would contribute significantly for a more qualified training of undergraduates. It is proposed to create disciplines that are based on musical improvisation with the aim of inserting content on the theme of creative practices and improvisation and thus supply some deficits in teacher training.

**Palavras-chave:** *Prática criativa; Improvisação musical; Formação docente; Música UFRR.*

**Key-words:** *Creative practice; Musical improvisation; Teacher formation; UFRR Music.*

**Data de submissão:** junho de 2021 | **Data de publicação:** dezembro de 2021.

<sup>1</sup> FABRICIO DE OLIVEIRA LOPES - Universidade Federal de Roraima. BRASIL. Email: [f.oliveira.sax875@gmail.com](mailto:f.oliveira.sax875@gmail.com)

<sup>2</sup> JEFFERSON TIAGO DE SOUZA MENDES DA SILVA - Universidade Federal do Maranhão. BRASIL. Email: [jtamancio@gmail.com](mailto:jtamancio@gmail.com).

## O CONCEITO DE IMPROVISAÇÃO

O ponto de partida para esta pesquisa emerge da imensa admiração e inspiração pela improvisação musical, além da conseqüente possibilidade de contribuir com a formação de futuros professores que realizam os estudos no Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Roraima (UFRR), único curso de música ofertado de forma presencial no estado de Roraima.

A improvisação musical é uma arte que envolve o ato de compor e a performance simultaneamente, ou seja, é criar, “inventar na hora”. Segundo o Dicionário Grove de Música (1994, p. 450), a improvisação musical é “definida como a criação de uma obra musical, ou de sua forma final, à medida que está sendo executado, podendo significar a composição imediata da obra pelos executantes, a elaboração ou ajustes de detalhes numa obra já existente, ou qualquer coisa dentro desses limites”.

A palavra improvisar vem do latim: *em* e *provisus*, de *providere*, que significa ver antecipadamente, previamente, que se refere a algo não previsto, não visualizado, não programado, “algo que não tenha sido visto com antecedência” (Alterhaug, 2004, p. 98). “O termo improvisação pode estar vinculado ou não, às práticas musicais e, mesmo assim, podem existir diversas acepções dentro de um mesmo contexto” (Guerzoni, 2014, p. 24).

Em Guerzoni (2014) temos alguns verbetes para a improvisação, o Dicionário Aurélio (versão online), improvisar significa algo repentino, súbito ou sem preparo. Já o dicionário Priberam (versão online), amplia o significado para termos como fingir, mentir ou citar falsamente. Nos dicionários de língua portuguesa Houaiss e Michaelis (versões on-line) a palavra improviso está ligada à ideia de uma adaptação emergencial, um “quebra-galho”, uma solução provisória, entre outras acepções remete a um momento urgente, o agora, e exige uma solução instantânea que, no que lhe concerne, requer uma capacitação intelectual e criativa. Como relatado acima, improvisação fora do contexto musical, está relacionada predominantemente a algo que está errado e precisa ser imediatamente reparado.

No contexto musical, a palavra improvisação tem um significado mais positivo, estando relacionada a uma habilidade de criatividade musical instantânea. A semelhança existente entre o termo improvisação, no contexto da língua portuguesa e no contexto musical está na urgência de tomada de decisões em um momento específico e que requer uma solução imediata e criativa. A diferença existente entre a improvisação fora do contexto musical e dentro de um contexto musical está na intenção de se improvisar. Na vida cotidiana o inesperado é algo que deve ser contornado e comumente é visto como algo desagradável. Por sua vez, nas práticas musicais, na maioria dos casos, a improvisação não ocorre de forma inesperada ou improvisada. Ao contrário, há uma sistematização na performance baseadas em treinos constantes (Guerzoni, 2014, p. 25).

Estudos de práticas criativas, o estímulo da criatividade em conjunto com os estudos teóricos e práticos musicais permite ao aprendiz adquirir uma gama de informações e ferramentas que vão lhe proporcionar seguir um caminho com menos obstáculos na hora de tomada de decisões e no processo de improvisação intencional. Na música a improvisação estimula a criatividade do aprendiz, independente dos erros que de maneira inevitável vão surgir.

O músico que possui o conhecimento da improvisação, geralmente tem consciência e previsão da sua criação musical. É certo que podem e existem acidentes de percurso, mesmo porque, no princípio do aprendizado da improvisação musical, o aprendiz vivencia mais os erros do que os acertos não apenas com relação à execução musical, mas com relação aos métodos que envolvem o aprendizado da habilidade de improvisar (Guerzoni, 2014, p. 26).

Porém, devido a todo esse preparo, esse estímulo, esses métodos que fomentam a criatividade, esse aprendiz não se intimida a prosseguir, nem tem medo de tomar decisões, pois se sente mais seguro por ter consciência que sua criatividade o ajudará. Segundo Berliner, “Na improvisação musical, o “erro” faz parte do processo. A própria ideia de erro assume outro caráter, mais identificado com a busca curiosa do desconhecido. O erro está, para a improvisação, mais para um fazer em construção” (Albino, 2009, p. 60).

A arte de criar e improvisar já acontecem no meio musical há muitos anos, com o aprimoramento do sistema de notação musical, essas práticas puderam ser transcritas. Em razão disso, a improvisação foi perdendo espaço rapidamente. Muito embora, no período barroco, apesar do sistema notacional já está consolidado, a improvisação ainda foi utilizada com frequência pelos músicos executantes da linha do baixo contínuo, por exemplo.

Depois de um período um pouco esquecida, a improvisação voltou a ser muito utilizada a partir do final do século XIX e início do século XX, devido o surgimento de vários gêneros musicais que tem como uma de suas características principais a improvisação em sua essência, dentre esses estilos, podemos destacar o Blues e o Jazz Norte Americano, além do choro brasileiro atualmente, a improvisação é constantemente utilizada em diferentes gêneros musicais espalhados pelo mundo, seja com maior ou menor grau de intensidade.

No Brasil, a arte de improvisar musicalmente tem se tornado cada vez mais popular com influências de ritmos brasileiros, latinos, orientais e do jazz, a improvisação no país tem se expandido e ganhando forma e identidade. No início, sem muito

embasamento teórico, era dependente do instinto, do conhecimento empírico, do mais puro sentimento e de certas habilidades musicais do executante, entretanto, com o passar do tempo, tal prática ganhou notoriedade e ultimamente passou a figurar nas academias e ser objeto de pesquisa entre diversas classes musicais. Segundo Pereira Júnior (2018) no processo de evolução dessa técnica, o músico no Brasil, enfrenta algumas dificuldades como a falta de base acadêmica para o estudo e ensino da improvisação. O autor ainda comenta que geralmente nas universidades brasileiras não existem disciplinas com conteúdos voltados para o desenvolvimento da improvisação musical.

Baseado nos autores citados, a improvisação musical pode ser uma prática muito importante para os estudantes de música, pois engloba em suas características, aspectos como: a percepção musical, a criatividade, a expressividade, a composição, a técnica, além de trabalhar a performance musical. Logo, o processo de ensino/aprendizagem de tal prática poderia ser de grande valia para na formação em curso de licenciatura, por esta razão, como objeto de estudo escolheu-se o Curso de Licenciatura em Música da UFRR para averiguar o uso da ferramenta “improvisação” como elemento do fomento de práticas criativas e no processo de ensino/aprendizagem da formação dos futuros professores de música.

### **A PRÁTICA CRIATIVA E A IMPROVISAÇÃO MUSICAL NA FORMAÇÃO DOCENTE**

Em 1979, Keith Swanwick desenvolveu o modelo C(l)A(s)P, que traduzido para o português significa: C: composition/composição, L: literature studies/estudo de literatura musical, A: appreciation/ apreciação, S: Skill acquisition/técnica musical e, P: performance/execução, que é um modelo que propõe 5 parâmetros de atividades musicais que devem abarcar a educação musical para um ensino de excelência e consistência na aquisição e desenvolvimento da linguagem musical.

O modelo sugere que o professor deva trabalhar os parâmetros de forma equilibrada e integrada. No entanto, as atividades de composição, apreciação e performance (CAP) desempenham papel primordial na educação musical, pois constituem as possibilidades fundamentais de envolvimento com a música. Vale lembrar que a composição neste caso, segundo Swanwick, inclui todas as formas de invenção musical, assim a improvisação musical também é compreendida como “composição” no modelo proposto pelo referido autor. A proposta deste estudo vai ao encontro que a

improvisação musical pode ser uma excelente ferramenta para se trabalhar alguns elementos fundamentais da música dentro da educação musical, despertando no aprendiz, através dessa prática criativa, o verdadeiro “fazer musical”.

Segundo Swanwick a improvisação de uma maneira geral, pode ser dividida em duas partes: a improvisação livre e a idiomática, esta última também é conhecida como improvisação restrita. A improvisação livre é mais conhecida com uma prática despreendida de amarras ou de uma estrutura, seja ela harmônica, melódica ou rítmica. A improvisação livre vai de encontro a um sistema definido, ou seja, é uma prática musical que não se limita a uma linguagem estilística. Já, a improvisação idiomática seria aquela que se apresenta dentro de um contexto, ou seja, neste tipo de improvisação certos elementos musicais são fornecidos a priori, onde a melodia, a harmonia, o ritmo e a forma são predeterminados, cabendo ao músico improvisar em torno disto.

Para Bailey (1993), a improvisação livre se baseia nas experiências vivenciadas, na prática musical, de uma forma real e não em conhecimentos científicos. Para o músico, existem duas formas de improvisação: a idiomática e a livre. A primeira se dá dentro de um contexto com uma linguagem estilística definida, num ambiente musical social e cultural delimitado, como é caso do choro e do jazz, por exemplo. E a improvisação livre, apesar de também acontecer dentro de um contexto predefinido, tem uma característica de superar tais idiomas, ou seja, nesse ambiente várias linguagens se misturam à proporção que a performance vai emergindo:

Entretanto, o próprio conceito de improvisação é assunto de debate, admitindo-se diversas aceções a variar conforme o contexto conforme explicitado na primeira parte deste trabalho, mas pode-se argumentar que toda prática musical envolve improvisação em alguma medida, em especial no que diz respeito à criação de material sonoro.

A improvisação musical, independente do tipo, seja a livre ou a idiomática, pode ser trabalhada na educação básica ou em outros contextos de ensino musical, e trazer inúmeros benefícios para o aprendiz, facilitando a prática do “fazer musical”.

[...] a improvisação é essa prática lúdica e criativa que envolve uma relação fluída com os outros (grupo e/ou instrumento). Um saber e fazer que ensina o corpo a se expor. A improvisação parte da realidade, habita a fronteira entre o sonoro e o musical, cria conexões entre as necessidades expressivas e a técnica instrumental. Na improvisação, o importante é ressoar uma fluidez brincante, exercitando-se publicamente e adquirindo as ferramentas características do jogo no acontecer poético (Lino & Dornelles, 2019, p. 166).

A improvisação musical pode ser uma melodia, uma harmonia, um ritmo, etc. Pode-se trabalhar essa manifestação musical somente com ritmos, a seguir só com melodia, depois trabalhá-los de maneira simultânea. Outra ideia é trabalhar com os mais novos a improvisação livre, pois não necessita de nada predefinido e, mais adiante, à medida que for acontecendo a evolução do aprendiz, pode-se trabalhar com a improvisação idiomática, apresentado várias linguagens, contextos e estruturas para o mesmo. A improvisação também pode ser trabalhada sobre uma forma de composição, elencando tonalidade, estilos e gêneros. Porém, o importante é que essa manifestação musical seja colocada em prática, é fazer com que o aprendiz possa experienciar tal sensação. O objetivo é desenvolver, potencializar a criatividade e a imaginação do aluno, onde cada forma de se improvisar propõe valores exclusivos, experiências singulares, fazendo com que sua aprendizagem esteja relacionada ao desenvolvimento do fazer musical.

Na improvisação, que se dá em tempo real, o tempo e o espaço se incorporam enquanto elementos fundamentais do ambiente e condicionam totalmente a performance. A improvisação apresenta também uma dimensão corporal e lúdica relevante traduzida pelas ideias de jogo e conversa. Estes elementos se introduzem como linhas de força determinantes na prática de improvisação (Moraes, 2014, p. 35-36). A improvisação envolve uma conversação, sem tempos verbais determinados[...] John Cage relata que essa conversação se refere a uma coexistência que muda de um contexto para o outro, tendo como ponto de entrada viver o tempo e lugar real e cotidiano; sempre fragmentado. Ao se interessar por formas que não se podia discutir, mas experimentar, Cage nos convida a tocar o silêncio e o ruído, como possibilidade de escuta (Cage, 2015, p. 12 referido por Lino & Dornelles, 2019, p. 167).

Todavia, esta prática deve ser sempre supervisionada e ter um significado para o aluno. A ideia não é fazer oposição às atividades recreativas, mas sim trazer a clareza do que é conhecimento musical agregado e o que é mera diversão. A respeito disso, Alonso faz um alerta: “A liberdade é exigente e tem suas regras: temos que ouvir o outro, temos que senti-lo” (2008, p. 13 referido por Lino & Dornelles, 2019, p. 172), “Improvisar não é tocar qualquer coisa” (Alonso, 2014, p. 29).

Violeta Gainza vê dois momentos importantes na improvisação. Um expressivo, em que o intérprete, independente do resultado, esforça-se para expressar e exteriorizar o que está internalizado; e outro momento introspectivo, que se dá por meio da investigação, da exploração, do exercício em que aquele intérprete manipula os objetos sonoros e extra-sonoros com o intuito de absorvê-los em pura pesquisa sonora (1983, p. 23-25).

Não existe nada que o estudante possa vivenciar, que propicie ao mesmo, tal experiência como a improvisação, pois esta prática musical engloba a criação, a teoria musical, a percepção e a performance em simultâneo (Campel, 2009 referido por Fridman, 2011, p. 65)

Além de todos os pontos positivos de se trabalhar a improvisação na educação musical aqui mencionados, destaca-se também, que tal prática por ser uma atividade que surpreenda o aluno a todo o instante, o que exige muita concentração por parte do mesmo. Com isso, pode ajudar aqueles alunos, com dificuldades de concentração, a estar sempre atentos às atividades propostas pelo professor.

Com pouca concentração e baixo comprometimento, que apresentam superficialidade em suas relações com o ensino-aprendizagem, precisam ser incitados a experimentar formas de apreensão da linguagem musical, mesclando estilos e procedimentos, proporcionando maior abertura para o diálogo e fazer musical, aliando a experiências e vivências com as possibilidades do encontro com o novo (Loureiro, 2008, p. 14).

No exemplo do jazz, uma das muitas situações, musicais ou não, em que existe essa fascinação – um caso de aprendizado, desenvolvimento e avaliação em música que pode ser perfeitamente reproduzido pelo professor em sala de aula. Assim, como o jazzista criativo e virtuoso, o professor criativo e em pleno domínio dos conhecimentos e competências necessários à sua prática produz identificações. Os alunos se identificam, não com o ente empírico ou pessoa física, mas com uma posição, uma figura simbólica, que detém os conhecimentos que admiram e estimula e convida o aprendiz a ocupar um lugar equivalente. A identificação, portanto, é um processo afetivo que produz profundos efeitos educativos (Neder, 2012, p. 119).

Corroborando com Neder e aplicando a relação da prática da comunidade jazzista com o ensino musical, os futuros professores de música precisam procurar compreender que teorizar sobre música e o fazer musical devem um complementar o outro, e a partir de aí tornar possível o diálogo entre criação e execução, entre prática e a teoria, entre pesquisa e interesse, entre professor e aluno, num enriquecimento das relações interpessoais que transcendem todo o processo de ensino/aprendizagem.

### ***Formação das práticas na Licenciatura em Música da UFRR***

O Curso de Música da UFRR, foi criado em 2013, incorporado à estrutura do Centro de Comunicação Social, Letras e Artes Visuais, com as aulas preferencialmente

no turno noturno, utiliza de um espaço próprio, Bloco VIII - Música/CCLA, para atividades de ensino, pesquisa, extensão e administrativa, com um vasto número de instrumentos para as práticas dos seus alunos, o discurso utilizado no Projeto Político Pedagógico do Curso de 2017 (PPC 2017) indica que essa Licenciatura procura adequar-se às mudanças ocorridas no ensino e investe na formação de um profissional que consiga detectar, propor e vencer desafios, interagindo no cenário das perspectivas de mudanças e inovações (Universidade Federal de Roraima, 2017).

As principais questões norteadoras para este estudo são: há realmente uma ausência dessa prática criativa dentro do Curso de Música da UFRR? Tal prática pode ser uma ferramenta eficaz no desenvolvimento musical do aprendiz na educação musical? Se sim, por que a mesma não está sendo otimizada de acordo com tal importância? O desenvolvimento teórico-prático dessa manifestação musical no Curso, pode contribuir para uma melhor qualificação na formação do licenciando em música e sua prática docente? Sem a pretensão de esgotar esse assunto tão vasto no momento, a tentativa de respostas para tais questões será abordada no decorrer deste trabalho.

Analisando o PPC de 2017 e vivenciando de perto essa realidade, identificou-se uma ausência de práticas criativas e de ensino na área de improvisação musical ou que utilizam estas como ferramentas dentro do Curso, pois a temática é citada somente na ementa da disciplina Instrumento Melódico: Flauta Doce II, ofertada no segundo semestre do Curso, figura 1, o que pode estar sendo insuficiente no que diz respeito ao processo de ensino/aprendizagem do Curso de Música. Além-claro, de estudos dos estudos sobre pedagogos musicais como o Swanwick nas disciplinas de educação musical, mas esses são vistos de forma superficial.

Ao olharmos a grade curricular do Curso de Música da UFRR não encontramos nenhuma disciplina exclusiva para a improvisação musical, embora em algumas disciplinas há explanações sobre o assunto, o que nos conscientiza da importância dessa prática criativa na educação musical. Era previsto no PPC (2015) a disciplina de Arranjo e Criação, mas com as modificações realizadas em 2017 a disciplina deixou de ser ofertada.

A temática da improvisação só aparece como referência na ementa da disciplina de Instrumento Melódico: Flauta Doce II, entretanto, nos objetivos específicos e nas competências e habilidades, a improvisação se faz presente no texto do PPC (2017), em um dos itens que devem ser alcançados pelos discentes nos objetivos específicos, aparece

o seguinte: improvisar, criar, arranjar, executar e interpretar músicas em conjunto e para solista. Logo, se faz necessário trabalhar tal prática de maneira mais assídua, para que todos os itens referentes aos objetivos específicos propostos pelo Curso sejam alcançados pelos alunos, pois é notório a ausência de práticas e ensino na área de improvisação musical ou que utilizam esta como ferramenta apontada então no texto do PPC e ausentes nas ementas das disciplinas.

**Figura 1** - Ementa de Instrumento Melódico: Flauta Doce II.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DE RORAIMA  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO**



<b>Centro / Instituto:</b> Centro de Comunicação Social, Letras e Artes Visuais			
<b>Curso:</b> Licenciatura em Música			
<b>Disciplina:</b> Instrumento Melódico: Flauta Doce II			<b>Código:</b> MUS123
<b>Categoria</b>	( X ) Obrigatória	( ) Eletiva	( ) Optativa livre
<b>Modalidade</b>	( X ) Presencial	( ) Semipresencial	( ) A distância
<b>Carga Horária</b>			<b>Pré-Requisito</b>
Total	Teórica	Prática	MUS122
30h	-	30h	
<b>Ementa</b>			
Desenvolvimento dos aspectos básicos de teoria/técnica/interpretação musical do instrumento flauta doce soprano. Aplicação prática de técnicas de ensino do instrumento, aplicação prática de técnicas de execução musical em repertório.			
<b>Programa</b>			
<b>Unidade I</b>			
-Ergonomia aplicada ao instrumento;			
-Executar escalas maiores, menores naturais, respectivos acordes;			
- Domínio na execução de pequenas melodias;			
- Desenvolver a leitura musical.			
<b>Unidade II</b>			
- Improvisação e criação musical;			
- Escolha e adaptação de repertório.			

**Fonte:** Universidade Federal de Roraima (2017).

Sendo uma Licenciatura, seu campo de atuação é o espaço escolar, especificamente a educação básica, o ensino não formal (escolas especializadas), como intérprete solista, preparador vocal, bem como integrar grupos instrumentais diversos, ampliando-se para outros espaços de atuação da formação do ser humano. O Curso busca formar um profissional que possa articular os saberes demandados em seu campo de atuação, sem deixar de valorizar as experiências trazidas pelos alunos, além de capacitá-lo para apropriação do pensamento reflexivo, da sensibilidade artística, da utilização de técnicas composicionais e de execução instrumental, da sensibilidade estética através do conhecimento de estilos, repertórios, obras e outras criações musicais, com aptidões indispensáveis à atuação profissional nas dimensões artísticas, culturais, sociais, científicas e tecnológicas inerentes à área (Universidade Federal de Roraima, 2017).

Como ex-membros do corpo acadêmico do Curso de Música da UFRR, podemos indicar que a improvisação musical não vem recebendo um olhar adequado, mesmo sendo uma prática que pode ser de grande valia na educação básica, contexto em que os licenciandos de música irão atuar futuramente, conforme indicado pelos diversos autores citados na segunda parte deste trabalho como Gainza, Lino e Dorneles, Moraes, Swanwick, entre outros. No entanto, essa falha não parece ser exclusividade do referido Curso, conforme textos de Alonso (2014), Fonterrada (2015) Júnior (2018) e Lino e Dorneles (2019) têm se revelado que os cursos superiores de música no Brasil reservam espaço restrito para esta prática criativa dentro desses ambientes, o que acaba gerando um déficit na formação docente

Por questões de ensino no estilo conservadorismo presente nas licenciaturas do Brasil ou até mesmo pelo não reconhecimento da importância que o assunto em si, tem para o aluno e futuro professor de música, a improvisação musical não está sendo desenvolvida, praticada, a fim de que o discente possa experienciar e adquirir conhecimentos teórico-práticos suficientes, não ofertar essa prática na formação é coibir um ensino de música criativo e validar um ensino de reprodução.

Indicamos que estudo se fez a partir da análise do PPC e suas ementas e não foi aprofundado nos planos de ensino das disciplinas, alterados a cada semestre e variam de professor para professor, na nossa experiência se não há o indicativo claro do conteúdo na ementa e no programa da disciplina, seria muito improvável que o professor da disciplina vá dedicar tempo para os estudos de práticas criativas e improvisação na disciplina. Todavia, baseado no PPC e em experiências vivenciadas por alunos do Curso, conclui-se que existem algumas hipóteses para que esta prática não esteja sendo desenvolvida de maneira mais assídua dentro desse ambiente. A primeira hipótese é que os professores não trabalham improvisação musical dentro dos conteúdos, com exceção da flauta doce, pois já é previsto na ementa da disciplina. A segunda hipótese seria que os professores de alguma forma, porém de maneira insuficiente, trabalham improvisação musical, mas o conteúdo não é previsto dentro do plano de ensino. As outras hipóteses vão ao encontro de investigações como a do famoso saxofonista Ademir Júnior que relata o seguinte:

Existe o esforço de vários seguimentos como escola técnica ou universidades em estabelecer essa disciplina, porém ainda de forma tímida e não muito abrangente, dado a questões de conservadorismo ou mesmo do não reconhecimento da importância que o assunto em si tem para se torna uma disciplina ou um curso específico (Pereira Junior, 2018, p. 2)

Deveria existir, no corpo docente do Curso de Música da UFRR e por parte do futuro licenciado, uma preocupação em saber desenvolver nos alunos, aspetos musicais, como: a criatividade, a percepção musical, a composição e a execução. Diante disso, a improvisação musical pode ser uma excelente aliada do futuro professor nesta missão, pois, segundo Bailey (1993) a improvisação é uma prática que está presente em quase todas as atividades, logo a proficiência para improvisar deveria ser requisito básico para formação do músico.

### **REFLEXÕES INICIAIS**

A partir dos estudos realizados e da vivência no corpo acadêmico podemos afirmar no Curso de Licenciatura em Música da UFRR uma ausência de disciplinas ou conteúdos que tenham como base a improvisação musical ou como objetivo a tal, neste estudo, não foram pesquisados os planos de ensino das disciplinas da matriz curricular do referido Curso, por isso a pesquisa carece de informações mais minuciosas sobre o assunto sendo indicada como inicial sobre a temática da prática criativa e improvisação no Curso de Música da UFRR. No entanto, baseado no seu PPC e em experiências vivenciadas, conclui-se que existem algumas hipóteses para que esta prática, a qual pode ser uma ferramenta eficaz no desenvolvimento das habilidades musicais, não esteja sendo utilizada de maneira mais assídua dentro do Curso.

A primeira hipótese verificada é que os professores não trabalham improvisação musical dentro dos conteúdos, com exceção de *Instrumento Melódico: Flauta Doce II*, pois já é previsto na ementa da disciplina. A segunda hipótese, verificada, é que os professores, de alguma forma, trabalham improvisação musical, mas o conteúdo não previsto dentro do plano de ensino. Com isso, as práticas criativas não estão sendo empregados de maneira satisfatória no Curso ou ocorrem timidamente. Logo, as práticas pedagógicas criativas existentes no referido Curso não conseguem fomentar tal prática nesse ambiente, o que pode ser prejudicial, pois, o futuro professor, ao ser inserido no mercado de trabalho, dificilmente adotará tal prática em suas turmas, justamente, por não ter vivenciado, não ter um conhecimento suficiente sobre tal assunto.

Essa pesquisa inicial aponta para urgência em tomar uma iniciativa, criando estratégias bem definidas para que a prática criativa e a improvisação sejam mais assíduas dentro do Curso de Música da UFRR.

Nesta perspectiva, propõe-se a criação de disciplinas que tenham como base a improvisação musical ou que as ementas das disciplinas sejam revistas para inserir conteúdos sobre o assunto e assim suprir a ausência de práticas e ensino nesta área.

Contudo, os diversos estudos sobre a formação musical apontam que deveria ocorrer uma preocupação por parte do futuro professor em potencializar no aluno a imaginação e criatividade, o que pode ser aliada à improvisação musical. Pois essa prática, em funcionamento, pode proporcionar aos futuros professores, além do aprimoramento de vários aspectos, habilidades e capacidades musicais, uma ferramenta eficaz no auxílio do ensino de música na educação básica, despertando no aprendiz o “fazer musical”. Sendo assim, potencializando tais práticas, dentro do referido curso, pode levar, como consequência, a um aumento significativo dessa prática na educação básica e em outros contextos de ensino de música. Pois, esses futuros professores já terão plena consciência da importância dessa prática para a construção do fazer musical, além de terem adquirido ferramentas suficientes (experiências e conhecimentos teóricos) para adotar tal prática em seu ambiente de trabalho.

Levando-se em conta essas considerações, espera-se que novas ideias surjam para o desenvolvimento da improvisação musical dentro do Curso de Música da UFRR, como o resultado deste estudo. Uma investigação mais profunda acerca da temática proposta é fundamental, para que se vislumbre novas perspectivas no que concerne a uma intervenção pedagógica eficaz sobre essa manifestação musical, possibilitando aos discentes do Curso estarem habilitados para esta prática.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Albino, C. (2014). *A importância do ensino da improvisação musical no desenvolvimento do intérprete*. [s.l.] UNESP.

Alonso, C. (2014). *Enseñanza y Aprendizaje de la Improvisación Libre: propuestas y reflexiones*. Madrid: Editorial Alpuerto.

Alterhaug, B. (2004). Improvisation on a triple theme: Creativity, Jazz Improvisation and Communication. *Studia Musicologica Norvegica*, 30, 97–118.

Bailey, D. (1993). *Improvisation: Its nature and practise in music*. Da Capo Press, Ashbourne, England.

Berliner, P. F. (1994). *Thinking in Jazz: The Infinite Art of Improvisation*. Chicago: University of Chicago Press.

Blum, S. (1998). *Recognizing Improvisation*. In B. Nettl & M. Russel (Eds.), *In the Course of Performance: Studies in the World of Musical Improvisation Chicago Studies in Ethnomusicology* (pp. 27–45). Chicago: The University of Chicago Press

Dicionário Aurélio (s.d.). *Significado de Improvisar* Disponível em:  
<http://www.dicionariodoaurelio.com/improvisar>.

Dicionário Grove de Música. (1994). Edição concisa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Gainza, V. H. (1983). *La improvisación musical*. Buenos Aires: Ricord.

Guerzoni, F. B. (2014). “A Arte da Improvisação” de Nelson Faria: influências na pedagogia da música popular brasileira. (Dissertação - Mestrado em Música).

Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em:

[https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/AAGS-9RVMRZ/1/a\\_arte\\_da\\_improvisacao\\_de\\_nelson\\_faria\\_influencias\\_na\\_pedagogia\\_da\\_musica\\_popular\\_brasileira.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/AAGS-9RVMRZ/1/a_arte_da_improvisacao_de_nelson_faria_influencias_na_pedagogia_da_musica_popular_brasileira.pdf).

Fonterrada, M. T. O. (2008). *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. São Paulo: Editora da Unesp.

Fridman, A. L. (2011). A prática da improvisação em ambientes híbridos e multiculturais: propostas para a formação do músico. *Música em Perspectiva*, Paraná, 4(1), 64-77.  
<http://dx.doi.org/10.5380/mp.v4i1.24669>

Lino, D. L., & Dornelles, G. N. (2019). Eu sabo porque sabo: a poética da improvisação na educação musical. *Revista da Abem*, 27(42), 163-180.

Loureiro, A. M. A. (2003). *O ensino de música na escola fundamental*. São Paulo: Papyrus Editora.

Moraes C. R. L. (2014). A livre improvisação musical enquanto operação de individuação. *Revista Artefilosofia* (UFOP), Ouro Preto, 15, 34-45.

Neder, A. (2017). Permita-me que o apresente a si mesmo: o papel da afetividade para o desenvolvimento da criatividade na educação informal da comunidade jazzística. *Revista Abem*, Londrina, 27(20), 9-29.

Pereira Junior, A. R. (2018). *Processo e prática para improvisar*. (Trabalho de conclusão de curso). Disponível em: [https://www.ademirjunior.com/pt\\_BR](https://www.ademirjunior.com/pt_BR).

Swanwick, K. (2008). *Ensinando Música Musicalmente*. São Paulo, SP: Editora Moderna.

Universidade Federal de Roraima. (2017). *Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Música*.